

SONHOS NO SONHO DE *LE GRAND MEAULNES*, NA NOVELA DE ALAIN FOURNIER

Cláudio Silveira MAIA¹

RESUMO: *Le Grand Meaulnes* (1914), único romance de Alain Fournier, morto prematuramente na Primeira Guerra Mundial, é considerado uma das maiores realizações da literatura francesa no século XX. Esta obra apresenta um mundo em que real e irreal se encontram e se evoluem para o enlace caótico da vida e da morte, consubstanciando a eterna antítese entre felicidade e tragédia. Este ensaio apresenta uma análise freudiana do texto, na qual destacamos a presença do estranho e do sonho na novelística de Fournier.

PALAVRAS-CHAVE: Alain Fournier. *Le Grand Meaulnes*. Freud. Sonho.

Sonhos no sonho de *Le Grand Meaulnes* (FOURNIER, 1985) é uma interpretação ancorada no “Trabalho do sonho” e em *Das Unheimlich* – ambos de Sigmund Freud (1987, 1976b). Objetivamente, trataremos da “condensação”, do “deslocamento” e da “sobredeterminação” na con-formação do trabalho do sonho; e, naturalmente, da caracterização do efeito de estranho, ab-rogado de *Das unheimlich*. Consorte da literatura de *Le Grand Meaulnes* (FOURNIER, 1985), nossa fundamentação teórica, sob o diagnóstico de Freud, nos convida a entrar no sítio da psicologia de personagens, tornando-nos partícipes de um mundo quase-não-familiar, no qual a atmosfera é depressiva e a razão a caramunha que oprime.

Com efeito, estaremos no mundo da realidade psíquica, em que a realidade material não se sustenta, esvai-se; e o sonhador descobre-se no sonho realizando plenamente os exercícios inerentes às suas faculdades sensórias e motoras. Apesar de nossas considerações se darem sobre uma história ficcional e apesar das

¹ Doutorando do programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – silveiramaia@hotmail.com

advertências de Freud (1976b, p.299), admitindo que ocorrências congêneres, na vida real, geralmente se ligam à “onipotência de pensamentos”, – quem garante que elas não possam acontecer, de fato, em nosso meio? Afinal, o próprio Freud acena para essa possibilidade, ainda que remota. Qual, pois, é a realidade que existe em *Le Grand Meaulnes*? Em *Le Grand Meaulnes*, existe uma realidade disforme, ambígua e trágica, na qual confluem as perspectivas do conhecido e do desconhecido. E não seria essa a realidade do nosso mundo desde sempre?

A aventura de Meaulnes inicia-se a partir de uma evasão, que o leva a percorrer as trilhas na floresta durante três dias e três noites. Na mata, lugar da narrativa, a luz é sempre rarefeita: escura, silenciosa e solitária – lúmen transtornado das impressões de mal e de bem. Nela, numa narração labiríntica, Meaulnes experimentou o medo a cada estalido dos gravetos pisados, minando uma sensação de perigo entreaberta nas folhas úmidas e materiais em decomposição; suas mãos tocaram em troncos fungicentos, suas narinas aspiraram o cheiro mofo e nodoso, suas idéias vagaram perdidas e glaciais, – fazendo emergir todos os fantasmas entre suas impressões.

Com os calafrios lhe percorrendo o corpo e o medo zinabreando a razão, Meaulnes avança como se tivesse o chão à cabeça, levitando num abismo sem fim, com a cisma de que, a qualquer instante, pudesse desabar vertiginosa e desenfreadamente no buraco negro do Universo. *Le Grand Meaulnes* é, assim, uma narrativa de linhas psicografadas, de tom impressivamente perturbador, habilmente arrançadas para a composição novelística arquitetada por Alain Fournier. A propósito, belamente traduzida para o português com o título de *O bosque das ilusões perdidas*, por Maria Helena Trigueiros (FOURNIER, 1985). Essa história, pois, pode-se dizer, se traduz como uma emboscada dos pensamentos oníricos freudianos.

Ainda não está dito, mas nós já supomos estar no conteúdo manifesto do sonho do grande Meaulnes, quando este logra achar-se numa clareira da floresta e aí encontrar uma casa de campo. A ela, outras imagens condensadas lhe saltam à memória, como o casal de caseiros, o curral, os salgueiros, os crisântemos, o cavalo e a carroça que lhe fizeram o transporte – estes, agora desaparecidos. Desanimado, Meaulnes anda a esmo até se deparar com uma trilha, talvez o atalho sugerido pelo velho que vira há pouco. Endireitando-se nela, pareceu-lhe, ao longe, um ponto de luz. Caminhou, assim, decidido em sua direção, que logo o embrulhou em sucessivas encruzilhadas e sebes que fizeram apagar o pávio aceso de lamparina que brevemente furtou. Deixou-se, pois, cair pesado

na relva serena e orvalhada, onde, de costas e com a cabeça apoiada nas mãos, rememorou um sonho da infância:

Uma manhã, em vez de acordar no seu quarto, onde estavam penduradas suas calças e paletós, ele se encontrara em uma imensa sala verde, onde o forro da parede se assemelhava àquela folhagem. Aí a luz era tão suave que dava vontade de saboreá-la. Junto da primeira janela uma moça cosia, de costas voltadas, mas parecendo esperar que ele despertasse... Augustin não tivera forças para saltar da cama e caminhar por aquela casa encantada. Voltara a adormecer... Mas da próxima vez jurava a si mesmo que iria se levantar. Quem sabe, no dia seguinte? (FOURNIER, 1985, p.58-59).

Segundo Freud (1987, p.271), “o sonho é um quebra-cabeça pictográfico”, “na verdade, uma massa de estruturas compostas, a saber, de estruturas compostas com núcleos relativamente distintos, acompanhados por diversos traços menos distintos.” (FREUD, 1987, p.310); e isso já nos remete à idéia de recortes, fragmentos e peças às avessas, estas, chamadas por Freud (1987, p.274) de “omissão”. No trabalho do sonho, continua o analista, se processa, inconscientemente, uma “condensação dos pensamentos oníricos” (FREUD, 1987, p.274), cujo volume condensado é de impossível determinação. No caso de *Meaulnes*, considerando-se uma grande metonímia a imagem consciente↔inconsciente de sua memória, pode-se pensar que a fatalidade que impregna o seu destino o faz triunfar como mentor e atalaia de sua própria e triste ventura.

Além do conteúdo manifesto, comumente utilizado na interpretação dos sonhos, Freud (1987, p.270) se utiliza do que ele chamou “conteúdo latente”, isto é, “os pensamentos dos sonhos”. De acordo com ele, é desse conteúdo latente que “depreendemos o sentido dos sonhos” (FREUD, 1987, p.270). Para Freud (1987), a investigação aqui, segundo um método antes nunca experimentado, consiste na relação entre esses dois conteúdos e no desvelamento dos processos pelos quais o conteúdo dos pensamentos do sonho se transforma no conteúdo manifesto. Semelhantemente, pois, esse trabalho de construção de sentido a partir do imbricação entre consciente e inconsciente é análogo à máquina de escritura – escrutínio psíquico que reúne escritor e escriturário no espaço oblíquo do narrador, como na escrita de *Le Grand Meaulnes* (FOURNIER, 1985).

Dessa associação podemos vincar a seguinte reflexão de Freud (1987): a de que ocorre uma mesma versão do sonho em linguagens diferentes, sendo que a linguagem dos pensamentos oníricos é uma versão de tradução da linguagem pictórica do conteúdo manifesto. Essa associação conduz, pois, para a definição do sonho acima expressa. Nesse sentido, podemos pensar que “uma dose especialmente elevada de valor psíquico” (FREUD, 1987, p.295) pode arranjar

um estado de ambivalência entre o conteúdo do sonho e os pensamentos oníricos.

Retomando o sonho de Meaulnes, podemos ler que, ao analisar a sua condensação, a manhã é a imagem invertida e convertida na noite não dormida na casa de campo no presente da narração, a imensa sala verde – os três prados que o levaram à casa, a luz suave – o lume da lamparina, transsubstanciado em radiante e semínima esperança de retorno ao abrigo, pois, como temia, a chama logo se apaga; a moça que cosia, e de que ele não conseguira ver o rosto, pode ser a filha que não estava e trabalhava numa padaria.

Os acontecimentos, portanto, nos domínios da casa de campo, são reais no presente da personagem e anteriores ao sonho relatado, que, por sua vez, remete o sonhador a cenas de sua infância; mas podem, ainda, ser a repetição manifesta de imagens das histórias que o menino Meaulnes ouvira sobre a floresta misteriosa, mais precisamente, como veremos adiante, sobre a mansão na floresta. Começa a se formar, assim, o quadro de estranheza que envolve personagem e leitores na trama de Fournier. Logo, o motivo do sonho, como é natural à curiosidade infantil, é a moça que não estava e que Meaulnes sabia vir à casa de seus pais – os caseiros da casa de campo, aos primeiros domingos de cada mês. Dessa forma, temos na moça de quem ele não vira o rosto no sonho e na que não estava em casa o elemento que justifica a volta, a repetição cíclica de Freud (1976b) e o deslocamento da casa de campo para a mansão inglesa de *Sablonnières*.

Ao explicar o fator da repetição (FREUD, 1976b), Freud cita como exemplo a angústia de se estar andando em círculos quando se está perdido em algum lugar. Todavia, em um ambiente menos familiar, como o da floresta para um não-nativo, o nível dessa estranheza pode elevar-se muito, levando o sujeito ao desespero. Esse desespero não é construído pela sucessão de movimentos vãos, antes, é despertado pelo alarme da ciência de se estar perdido que, por sua vez, pode ser confirmada ainda no primeiro retorno ao mesmo lugar em que o sujeito descobriu-se perdido. Essa confirmação instaura o pânico, a paranóia, a angústia desesperante. Nessas circunstâncias, achar o caminho consiste em achar-se primeiro e, freqüentemente, é o contrário que sucede, nivelando o perdido às linhas do acaso. Em outras palavras, o sujeito primeiro é achado pelo caminho para depois se achar nele. A propósito, nesse quadro em que as perturbações entorpecem a sobriedade, o sujeito deriva na dança da morte e da vida sem saber com qual formará par.

Entre idas e vindas, julgamos agora estar no conteúdo manifesto de um novo sonho suposto, incitado pela sobreposição das imagens do conteúdo latente, do primeiro sonho confesso do grande Meaulnes. Com efeito, a princípio, o jovem aventureiro acredita ter chegado a um pombal, lugar em que, tudo leva a crer, será celebrado um casamento. Contudo, algo aí lhe causa uma dormente e estranha inquietação, ao confabular consigo mesmo a conversa de grupos de crianças que ouvira escondido entre os pinheiros: “Trata-se de um casamento, sem dúvida [...]. Mas aqui são as crianças que ditam as leis?... Lugar estranho!” (FOURNIER, 1985, p.62).

Assim, Meaulnes emerge em um reino encantado, dominado pelas crianças, mas, ao mesmo tempo, sondado por um fio de lucidez do narrador que conta sua própria história. Nesse ponto, essa estrutura narrativa perpetua no leitor a sensação de estranheza, uma vez que as linhas entre o sonho e a realidade se nublam, tornando-se de difícil distinção. Esses eventos, entre outros, corroboram a necessidade do prazer egóico, compreendido, por sua vez, na metonímia do não-espaço e do não-tempo, já que, a narrativa, sob efeito do *unheimlich*, converge para o buraco negro das realidades material e psíquica do perturbado, que se lhe aparecem simbióticas e subliminares. Em linhas gerais, o espaço concreto é o da memória, que em Meaulnes é severamente ambígua. O fio que distingue, pois, real e imaginário é tênue e frágil, parece mesmo uma membrana que permite o intercâmbio entre esses dois mundos. Esse aspecto é fundamental para produzir e sustentar o estranhamento.

Com efeito, esse fio, por vezes, perde conexões, e o pombal, no qual imaginava dormir sobre o feno, se transporta, como que por telepatia, a um quarto com alcova numa mansão aparentemente suntuosa e decadente. Mais tarde, arrumará esse quarto como se fosse aquele de sua infância, e no qual, conforme o primeiro sonho aqui transcrito, não acordara: “[...] pendurou suas lindas [novas] roupas nos cabides, encostou nas paredes as cadeiras desarrumadas, como se estivesse se preparando para uma estadia demorada.” (FOURNIER, 1985, p.83). Nesse quarto, recordará a lembrança de uma música “agridoce”, traduzida das pianinhas notas de “encanto e mágoa” (FOURNIER, 1985, p.64) – a felicidade desfalecida nos dedos de sua mãe, desde ainda jovem.

Desse desdobramento, por nós suposto, parahipoteticamente, como conteúdo manifesto de mais um sonho de Meaulnes, podemos aduzir uma nova idéia: a de que, na verdade, se trata da descrição do conteúdo dos pensamentos oníricos, interpretado pela própria personagem. Com efeito, enquanto

distraidamente lia um livro vermelho, sentado na sala de jantar e tendo um dos meninos a lhe pendurar no braço e subir pelos joelhos para também ver o livro, Meaulnes se achava num sonho, cujo conteúdo manifesto assim relatou o narrador-testemunha:

Então começou um sonho, como o sonho de antigamente. Meaulnes pôde imaginar, demoradamente, que estava em sua própria casa, numa noite, e que aquele ser encantador e desconhecido que tocava o piano era sua mulher [...] (FOURNIER, 1985, p.76).

Na manhã depois dessa noite, um outro acontecimento põe o protagonista estupefato: em um jardim, debruçado sobre uma “[...] oscilante paliçada de madeira que cercava o tanque”, viu-se “[...] refletido na água, como se estivesse debruçado sobre o céu”, e “julgou ver um outro Meaulnes” – agora, “[...] um ser encantador e romanesco, saído de uma imagem de um livro de luxo[...]” (FOURNIER, 1985). Ao que parece, o livro vermelho não fora lido tão distraidamente assim. Conquanto, daí por diante, o duplo de Meaulnes toma conta da história, que flui no seguinte conteúdo manifesto de mais um sonho:

Muitas vezes, mais tarde, ao adormecer, depois de desesperadamente, tentar recordar o lindo rosto [de Yvone de Galais] que se desvanecera, ele via em sonhos passarem moças em fila, parecidas com esta. Uma tinha o chapéu como o dela; a outra o mesmo olhar puro; a outra, ainda, sua cintura fina, e a outra também tinha os olhos azuis; mas nenhuma dessas mulheres, nunca, era a tal mocinha (FOURNIER, 1985, p.78).

Esse sonho, de intenso conteúdo sobredeterminado, em muito lembra “o sonho da injeção de Irma”, de Freud (1987, p.283), no qual o analista prova que “o trabalho de condensação utiliza mais de um método na construção dos sonhos”, especialmente quando se trata de “produzir uma figura coletiva para fins de condensação onírica” (FREUD, 1987, p.284). Sem dúvida, o sonho de Meaulnes foi motivado pelo encontro com Yvone de Galais, acontecimento no “conteúdo latente” (FREUD, 1987, p.270), sobredeterminado por imagens desse mesmo conteúdo, propiciadas pelo evento vítreo da noite anterior, em que meninas giravam sobre si mesmas feito “piões de brincadeira”, levantando-se e “inchando como balões” “as saias amplas e leves”, deixando avistarem-se “as rendas que enfeitam as compridas e graciosas calcinhas, e saltando “juntas”, depois dessas “piruetas”, “para o outro quarto”, fechando-se “a porta” (FOURNIER, 1985, p.71). A propósito, belas e sensuais imagens femininas que, também poeticamente, poderíamos assim expor:

Entre todos os bens do mundo:
Entre os azuis das águas e o azul do céu e o azul
dos seus olhos... entre todas as manifestações de carinho,
fotografias!
É tão fácil debruçar na lua e olhar pela janela.²

Percebemos aqui, que Meaulnes poderia, inconscientemente, estar desejando que Yvone de Galais fosse a mulher que estava ao piano em seu sonho da noite anterior. A propósito, uma mulher que aparecia em seu sonho como desconhecida e encantadora, mas que era sua mulher. Porém, nessas circunstâncias em que tudo parecia sonho, Yvone de Galais sumira, os noivos não apareceram e todos deixaram o lugar da cerimônia; inclusive Meaulnes, que acreditava, ao estar de volta no colégio interno, poder “*de novo* sonhar com a moça da mansão” (FOURNIER, 1985, p.89, grifo nosso).

Peremptoriamente, tudo não passou de sonhos em um grande sonho, por certo, condensado, deslocado e sobredeterminado a partir de um sem número de fragmentos de histórias contadas sobre a velha mansão abandonada, – vestígios e resquícios, portanto, do conteúdo manifesto e dos pensamentos do sonho. Nas palavras de Freud (1987, p.297), pois,

O sonho é, antes, construído por toda a massa de pensamentos do sonho, submetida a uma espécie de processo manipulativo em que os elementos que têm suportes mais numerosos e mais fortes adquirem o direito de acesso ao conteúdo do sonho. [Com efeito, a estrutura do sonho se constitui a partir] da interação dos fatores deslocamento, condensação e sobredeterminação.

Nesse sentido, o anelo que agora nos espera, não estará mais no campo dos sonhos, mas no mundo de dor e de demência da realidade psíquica do grande Meaulnes.

Regressando a Paris, Meaulnes descobre (FOURNIER, 1985) pela boca que ignorava ser de Valentine – a noiva que fugira de Frantz –, que Yvone de Galais casou-se e não mais mora no endereço que lhe fora dado em troca de um juramento. Por essa razão, passa a viver perambulando, triste e só soçobrado no seu suplício. Ademais, a esse suplício veio juntar-se um segredo: um segredo sobre a esfingica Valentine. Como na viagem de Hanold, da *Gradiva* de Jensen (FREUD, 1976a), a viagem de Meaulnes para Paris, que deveria levá-lo ao encontro de um amor puro, píncaro, idealizado em Yvone de Galais, o conduziu para sua substituta, Valentine. Oportunamente, a mesma explicação que Freud

² Versos nossos.

atribui a esse episódio de *Gradiva* pode ser estendida ao nosso episódio em questão:

A viagem, empreendida num desafio aos pensamentos oníricos latentes, seguiu, entretanto, a rota para [Paris] indicada pelo conteúdo manifesto do sonho. Assim, verificamos que a cada novo conflito entre o erotismo e a resistência, o delírio sempre triunfa (FREUD, 1976a, p.72).

Ambos, Meaulnes e Valentine – ainda que inibidos, hesitantes e perplexos, como autômatos –, enamoraram-se. Estranhamente, eles próprios pareciam não ter vida, enlutados que se mostravam na aparência carregada das graves perdas de amor passadas. No entanto, esse namoro será, uma vez mais, trágico, quando Meaulnes descobrir que Valentine é a noiva que abandonou Frantz de Galais, ao qual ele se achava preso pelo primeiro juramento de homem: Meaulnes jurou a Frantz ajudá-lo como a um irmão, e isso veio significar o empreendimento de reencontrar a amada de Frantz.

Ironicamente, não só a encontrou como a tomou por mulher e depois a deixou, claro, no momento em que soube de tudo. Mas, ao fazer isso, destinou Valentine a uma vida sem pudendas nos arrabaldes de Paris. Esse feito, pois, o atormentará desde então. Nesse ínterim, o narrador-testemunha provoca uma reviravolta na história, ao descobrir e confiar, ao amigo Meaulnes, a informação de que Yvone de Galais não era casada e vivia com o pai na velha mansão de *Sablonnieres*. Lívido, Meaulnes percebera o terrível e frígido desencontro: Valentine era a moça que em certa ocasião procurara por Frantz, irmão de Yvone, sendo ele dado por sumido e a irmã por casada. Meaulnes, assim, entendeu que Valentine lhe dera a falsa informação sobre Yvone de Galais, porque era essa a informação que tinha. Agora, no entanto, já se anunciava tarde demais a reparação do engano, e decide-se, Meaulnes, por reencontrar Yvone. Isso de fato acontece. Os dois almejam continuar a partir do ponto em que o sonho cessou. Foi, entretanto, vã e lacriméjante a tentativa. Meaulnes parte, Yvone morre; e, ao regresso do grande Meaulnes, ficamos sabendo que ele conseguira realizar o intento de reencontrar e unir Frantz e Valentine.

Sob pena de uma falta, pois, o grande Meaulnes cumpriu seu juramento, e isso lhe rendeu uma felicidade despedaçada, cuja reminiscência viva ainda apenas se insinuava, num sorriso de menina, na filha que, até há pouco, sem a declaração do narrador-testemunha, não pensava ter. A pequenina, herança de um sonho de amor perfeito, poderá, quem sabe, reluzir no aventureiro a velha chama pela

vida – algo mais alegre, talvez, em meio a “tanto mal e tanto bem” (FOURNIER, 1985, p.49).

Notoriamente, o estranho se erige em *Le Grand Meaulnes* (FOURNIER, 1985) a partir da imagem da torre que o guia para a floresta, até chegar a uma mansão com ares de mal-assombrada. É sobremaneira espetacular o fato de a narrativa, a personagem em monólogo interior (FOURNIER, 1985, p.69), nos dizerem que Meaulnes se acreditava esperado naquele lugar, onde “dos edifícios desprendia-se um misterioso ar de festa” (FOURNIER, 1985, p.70). A propósito, um lugar que lhe parecia familiar, sendo ele próprio também reconhecido assim. É o que lhe afirma a mãe de Yvone de Galais: “Quem é você? Que faz aqui? Não o conheço. E, no entanto, parece-me que conheço” (FOURNIER, 1985, p.79). Essa revelação lhe fora feita na manhã seguinte à primeira noite na mansão. E, nessa noite, dando os primeiros passos no corredor ao seguir Frantz de Galais, viu-se, “sem ver ninguém, cercado de risos, gritos e correrias” (FOURNIER, 1985, p.70).

Dessa forma, partindo do pressuposto sugerido pelo texto, de que tudo não passou de um sonho, esses eventos transpõem a cadeia do sonho e vão se refletir no mundo material de Meaulnes, fazendo-o mergulhar na sua própria realidade psíquica. De fato, Frantz e Valentine, sem serem apresentados como seres de outro mundo, serão os fantasmas no caminho da felicidade de Meaulnes, que outra vez fugirá do colégio em busca dessa misteriosa vereda: “[...] a passagem de que falam os livros, o antigo caminho obstruído, aquele de que o príncipe, morrendo de fadiga, não conseguiu encontrar a entrada.” (FOURNIER, 1985, p.130).

Durante todo o tempo, estamos em plena atmosfera do *unheimlich*, em que tudo se nos parece familiar, mas surge repentinamente estranho. Com efeito, segundo Freud (1976b, p.277) “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar”; cuja re-visão das “coisas, pessoas, impressões, eventos e situações [...] consegue despertar em nós um sentimento de estranheza, de forma particularmente poderosa e definida.” (FREUD, 1976b, p.284). Por nosso turno, – um estranho que não apenas circunscreve o nunca visto: precede o familiar e dele se expande.

Um exame atento das cartas de Meaulnes ao narrador-testemunha nos dá, pois, um bom exemplo dessa expansão ou deriva. Na carta de algum dia de junho do ano de 189..., Meaulnes reclama que não podia dormir: ficava ouvindo o barulho dos carros rodando; compulsivamente, “[...] esperando o próximo guizo,

o passo do cavalo que estava no asfalto... E parecia que todos aqueles ruídos [lhe] repetiam: ‘teu amor perdido, a noite infindável, o verão, a febre...’ François, meu amigo, estou em uma grande aflição.” (FOURNIER, 1985, p.142).

Com o prosseguimento da história, sabemos que esse mesmo narrador-testemunha, apesar do mau presságio que tivera a respeito (FOURNIER, 1985, p.166), revela a Meaulnes o caminho e amor perdidos. Isso fez com que o protagonista re-buscasse a senda que tinha como propósito esquecer. O curso da história, entretanto, tomou os rumos do estranho, nos termos da “onipotência de pensamentos” de François Seurel. De fato, o mau presságio deste se confirma com a terceira volta de Meaulnes à floresta de *Sablonnières*, desta vez, para se casar e morar. O grande amor, contudo, que houvera sido a razão dos seus sonhos, perdera-se demais em desatinos, tornou-se uma coisa muito familiar, perdera a magia da aventura, foi minando até morrer de tristeza nos choros de Yvone de Galais. Como ele próprio predissera, enfim “não existe mais nada” (FOURNIER, 1985, p.170).

Nos impressiona, deveras, o poder das aparições de Frantz e Valentine, exercido sobre o temperamento do grande Meaulnes. Ciclicamente, o retorno o tomara ainda pela terceira vez. E, por três vezes, afastando-o de sua amada. Desta última, para além da vida morte. A viagem que pretendia empreender, em busca de Frantz e Valentine, havia sido mesmo, conforme suspeitou à sua mãe, dizendo-lhe que “não desfizesse a mala”, momentos depois de François Seurel colocá-lo a parte do paradeiro de Yvone de Galais, – “apenas adiada” (FOURNIER, 1985, p.171). Finalmente, pois, quando Meaulnes alcança a felicidade acalentada, e em resposta às inquietações do narrador-testemunha, pairava, no cenho de sobrolho franzido do grande Meaulnes, “[...] a terrível tentação de arruinar irremediavelmente, o quanto antes, a maravilha que por fim conquistara.” (FOURNIER, 1985, p.195). Trata-se, assim, do encontro do sujeito com o seu duplo no duplo sentido freudiano. Com efeito, um duplo que se forma a partir de um

[...] narcisismo [supostamente] superado, de todos os futuros, não cumpridos mas possíveis, a que gostamos ainda de nos apegar, por fantasia; [de] todos os esforços do ego que circunstâncias externas aniquilaram e [de] todos os nossos atos de vontade suprimidos, atos que nutrem em nós a ilusão da Vontade Livre. (FREUD, 1976b, p.294-295).

Dessarte, esses elementos simbolizam, numa primeira instância, o prolongamento do eu narcísico e, numa segunda, o aniquilamento do *self* – o

eu tragado pelo espelho, no caso de Meaulnes, por um espelho d'água. Para Freud (1976b, p.294), pois, o duplo “[...] depois de haver sido uma garantia de imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte.” De fato, esse anúncio se materializa, em Meaulnes, no remorso de ter tomado por mulher, num caso em que ele sabia de impossível substituição para ambos, a noiva do amigo. O que restava de Meaulnes, agora, era qualquer coisa entre ele e seu duplo. Um duplo que não matou o seu corpo material. Fez pior. Ceifou-lhe, pedaço a pedaço, mordiscando facinorosa, cravejante e lentamente, o coração. Em face, pois, de um tal *unheimlich* encarnado, se angustiou o narrador-testemunha:

Por que estaria Meaulnes assim, como um estranho, afinal, como alguém que não tivesse encontrado o que procurava e a quem nada mais pode interessar? Essa mesma felicidade, três anos antes, ele não a teria podido suportar sem temor, sem loucura, talvez. De onde vinha então esse vazio, esse afastamento, essa incapacidade de ser feliz, naquela hora única? (FOURNIER, 1985, p.181)

Em resposta, não seria devido a uma inquietante estranheza, provocada pela compulsão de uma idéia fixa? Pois, não seria no mínimo uma obsessão, ter deixado morrer à míngua, de saudade e desejo, o amor de sua vida, enquanto se esforçava pela felicidade de Frantz e Valentine, em alguma medida, duplos do grande Meaulnes?



DREAMS IN THE DREAM OF LE GRAND MEAULNES, IN ALAIN FOURNIER'S NOVELLA

ABSTRACT: *Le Grand Meaulnes (1914), the only novel published by Alain Fournier who died prematurely during the First World War, is considered one of the greatest achievements of 20th century French Literature. This work presents a world in which reality and unreality come together and evolves towards the chaotic encounter of life and death, composing the eternal antithesis between happiness and tragedy. This essay presents a Freudian analysis of the text, exploring the presence of the uncanny and of dreams in Fournier's novel.*

KEYWORDS: *Alain Fournier. Le Grand Meaulnes. Freud. Dream.*

REFERÊNCIAS

FOURNIER, A. **O bosque das ilusões perdidas**. Tradução de Maria Helena Trigueiros. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. 2. ed. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. **Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen**. Tradução sob direção e revisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976a (Coleção Standard Brasileira, 9).

_____. **História de uma neurose infantil e outros trabalhos**. Tradução sob direção e revisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. (Coleção Standard Brasileira, 17).